

Evora a meus olhos



é uma «spirit landscape». Bela paisagem do espírito a que tem sido desenrolada diante de mim, desde o caracter particular das casas, cingidas de esgrafitos, solenes na belêsa dos seus terraços de gra- ciosos ambientes até à mais humilde igreja, onde com reminescencias das cerimoniaes de casamentos de noivos e batismo de neófitos, enterro de velhos, volitam estilos de arquitetura imponente. E sobranceira a todas essas belêsas, eleva-se a Sé. Destà janela a vejo eu, lá ao longe, na sua suave «silhouette», no seu conjunto de linhas harmonio- sas. Daqui a minutos saio para a rua. Vou continuar a minha perigrinação. A

CARO leitor: Abro a janela do meu quarto. Uma lufada forte de ar refresca-me o espírito, confuso de tanto ter ontem observado nos quatro cantos de Evora, A manhã está linda. Mesmo divinal. Nem sombras de chuva de ontem. Tráço estas linhas à pressa, com a bôa graça da minha Sonklin. Mas a memória não quer saber de mim. Nada quer re- velar ao papel do «block». Nada quer dizer. Esquiva memória a minha! E' um perfeito reboliço de «choses vues e vecues». Uma confusão, um emaranhamento. Evora suges- tionou-me e a minha memória dela andará presa ainda alguns dias. Impossível referir o programa realizado ontem através da ci- dade. Não é êste o momento propício para descritivos e artigos. Um artigo sôbre Evora teria a extensão dum volume inteiro. Com o que ontem vi e com o que ainda hoje hei-de vêr até à hora do comboio, arranjo impressões para duas colunas à custa dos apontamentos do meu «aide-mémoire».

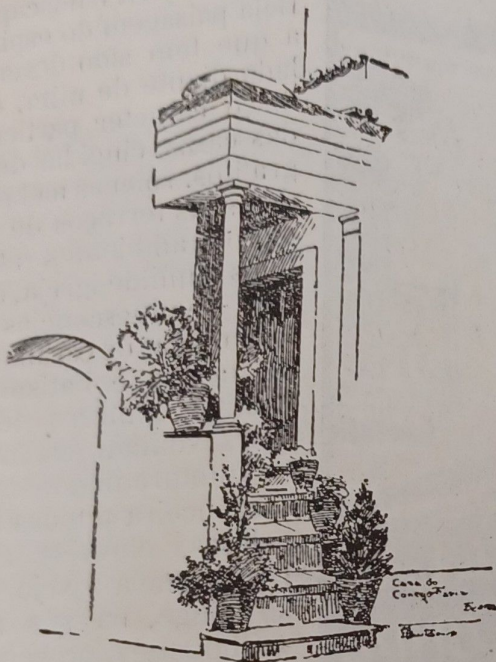
Cada viagem importante que eu faço é um manancial de apontamento, de notas, de «faits divers». Mas, sobretudo, cada viagem

maneira agradável como êste passeio de es- tudo tem decorrido leva-me a felicitar os seus organizadores, e em especial o sr. dr. Agostinho Fortes, que dirige a excursão. Se não fôsse talo oportunidade, ainda a estas horas Evora seria para mim uma gravura de compêndio de história de arte. Agora não, é um autentico album de folhas vivas, sugestivas, palpitantes. Sinto-as estremecer à medida que as vou passando com os de- dos.

Evora deve ser para ti caro leitor, o ro- teiro das tuas horas de digressão. Deves co- nhecer Evora, porque conhecendo-a conhe- ces-te a ti mesmo e ao teu país. E' imper- doável o abandono a que os poderes públi- cos a teem votado, mas que ao menos se não desinteressem dela as entidades parti- culares. Que cada um contribua, na medida das suas forças morais e espirituais, para a glorificação de tão nobre cidade, manta de retalhos a encobrir as vicissitudes da his- toria

Na «Democracia do Sul», que intitulou de «embaixada intelectual» a nossa excur- são de alunos e professores da Faculdade

de Letras, leio: — «Evora continua a ser a eterna enamorada dos estudiosos, a preferida dos apaixonados da arte, que nela en-



Evora

contram sempre motivos novos para os seus estudos e aspectos inéditos para a sua visualidade artística». Palavras certas; mas que, infelizmente, nem todos os portugueses compreendem. Fialho, escritor que, com D. João da Câmara, Alberto Monzaraz e Brito Camacho, tem na sua obra paginas cheias de sol alentejano, enaltece as preciosidades sem par de Evora. E através dos últimos anos alguns defensores de Evora teem apparecido.

Tivemos o incansável investigador Gabriel Pereira, temos hoje Celestino David, e a *Ilustração Alentejana* de João Moron Rodrigues, uma publicação que bem se pode considerar como a única de character regionalista. A sua série, mais ou menos interessante, de livros sobre a cidade há a ajuntar *Iconografia artística eborense*, de João Rosa. Ainda não a li, mas por informações alheias sei que se trata duma bela obra escrita por um estudioso que muito ama Evora. Brilhantemente prefaciada pelo dr. Sousa Pinto, essa «iconografia» encerra elementos e dados de valôr, como trabalho cuidadoso e demorado. Das suas numerosas

gravuras, esta revista destaca tres com os melhores agradecimentos ao sr. João Rosa.

Consulto o relógio. São dez horas. Não há remedio senão pôr-me a caminho! Ainda ha muito que forragear no arquivo das coisas eborenses. Continuarei a tomar notas a lápis e a tinta, em palavras e em desenhos.

Não me posso esquecer que tenho os tres anos de desenho da Escola de Belas-Artes. A pena e o lápis auxiliam-se mutuamente. Entretanto com esta bela excursão que ficará firmada nos anais da Faculdade de Letras e de que sou um humilde aluno, agora acrescentado de imprenógrafo, vão-se evocando paginas dum passado luminoso, o qual sempre procuramos suavisar a «folies du jour». Loucuras de hoje que darão disparate amanhã! Mas ninguém pensa nisso.

E eu penso naquelas palavras do grande



Evora — Casa pitoresca

(Desenho de Alberto Sousa)

Herculano. «No meio duma nação decadente, mas rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma espécie de magistratura moral, é uma espécie de sacerdócio».

Evora, 28 de março.

Adolfo Faria de Castro.